

Resolução das questões: Cultura: Temas Contemporâneos da Antropologia²

1 Escreva sobre a crítica da autoridade etnográfica segundo os autores pós-modernos em Antropologia.

Resposta: *Para os pós-modernos, a produção do texto antropológico envolve sempre uma descrição e uma narração sobre o Outro que, em geral, não dá voz a ele. É o antropólogo que fala por ele. Esse processo é visto como autoritário pelos pós-modernos, pois não permite contestação e é feito nos termos do antropólogo e não nos termos do Outro. Isso resulta no que os pós-modernos chamam de “autoridade etnográfica”.*

2 Qual a discussão das antropólogas feministas sobre a noção de gênero?

Resposta: *A noção de gênero aparece para superar as dificuldades que a naturalização da diferença entre homem e mulher (em termos biológicos) impõe. Gênero é definido socialmente de formas variadas em sociedades diferentes. O que é o homem e o que deve fazer um homem varia de sociedade para sociedade, assim como o que é a mulher e outras categorias de gênero (homossexuais, travestis, transgêneros, etc.). Se os papéis de homens e mulheres variam, não há uma relação entre sexo e gênero que seja natural. Gênero é sempre algo construído e pode, portanto, ser alterado, reformulando-se os papéis atribuídos.*

3 Por que a contribuição de Marshall Sahlins é relevante para pensar a História?

Resposta: *Os antropólogos culturalistas estadunidenses desenvolveram o conceito de cultura, mas não levaram esse desenvolvimento para a noção de história. Continuavam a pensar que o tempo passa e é visto e sentido da mesma forma em todos os lugares (como se fosse universal). Sahlins demonstra que a percepção do tempo e a forma de pensar a história também são condicionados culturalmente, e variam bastante. Ou seja, cada cultura se apropria do tempo à sua maneira e o antropólogo deve sempre levar isso em consideração.*

¹ Tecnólogo em Agropecuária pelo IFPE-BJ. Tecnólogo em Biologia, Filosofia e Sociologia pelo CAP-UFPE. Normalista pela EEFCC-BJ. Bacharelado em Zootecnia e Veterinária pela UFRPE.

² In: AMORIM, H., BARROS, C. R. de., MACHADO, I. J. de R. Sociologia hoje.1. ed. Vol. Único. São Paulo: Ática, 2013. p. 104-106.

4 Qual a contribuição de Roy Wagner para a Antropologia contemporânea?

Resposta: Roy Wagner desenvolveu a ideia de “invenção da cultura” que, à sua maneira, lida com a questão da autoridade etnográfica levantada pelos pós-modernos. Para Wagner, a cultura é um processo de invenção (no sentido de criação) constante de todas as pessoas, o que produz um fluxo de transformações e estabilizações temporárias. Tanto o antropólogo como o nativo inventam cultura. Desse modo, o encontro etnográfico só pode ser pensado como uma invenção particular decorrente da vontade de conhecer mais a vida do nativo. Esse encontro deve colocar os conceitos nativos no mesmo patamar dos conceitos do antropólogo. Isso possibilita entender a invenção e evitar a supressão da voz do nativo, o que ocorre quando o antropólogo escreve e usa apenas seus conceitos para descrevê-lo.

5 Quais as implicações da crítica ao dualismo natureza/cultura?

Resposta: A crítica desse dualismo, feita por Latour, Strathern, Descola e outros, implica em pensar que nem todas as sociedades dividem o mundo em uma parte humana (cultura) e outra parte exterior (natureza). Isso permite tanto um olhar crítico para a ciência, baseada nesses princípios, como entender outras formas de pensar o mundo sem reduzi-las à distinção natureza/cultura. Permite entender, por exemplo, que os indígenas da Amazônia têm uma visão de mundo oposta àquela que ensinava a velha Antropologia: para eles, todos os seres têm cultura, mas naturezas diferentes.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFPE
 PROF. Lic. E Tecg°. EMANUEL ISAQUE CORDEIRO DA SILVA
 COMPONENTE CURRICULAR: SOCIOLOGIA GERAL II

6 Considere os trechos das canções a seguir. (*Tempo perdido* de Renato Russo e *Oração ao tempo* de Caetano Veloso).

Tempo perdido

Renato Russo

Todos os dias quando acordo
 Não tenho mais
 O tempo que passou
 Mas tenho muito tempo
 Temos todo o tempo do mundo...
 Todos os dias
 Antes de dormir
 Lembro e esqueço
 Como foi o dia
 Sempre em frente
 Não temos tempo a perder...
 [...]

 Temos nosso próprio tempo
 Temos nosso próprio tempo
 Temos nosso próprio tempo...
 Não tenho medo do escuro
 Mas deixe as luzes
 Acesas agora
 O que foi escondido
 É o que se escondeu
 E o que foi prometido
 Ninguém prometeu
 Nem foi tempo perdido
 Somos tão jovens...
 Tão jovens! Tão jovens!...

LEGIÃO URBANA, Dois, 1986.
 EMI Music Brasil.



No centro desta foto de 1986, o compositor e cantor Renato Russo (1960-1996).

Oração ao tempo

Caetano Veloso

És um senhor tão bonito
 Quanto a cara do meu filho
 Tempo tempo tempo tempo
 Vou te fazer um pedido
 Tempo tempo tempo tempo...
 [...]

 Por seres tão inventivo
 E pareceres contínuo
 Tempo tempo tempo tempo
 És um dos deuses mais lindos
 Tempo tempo tempo tempo...
 [...]

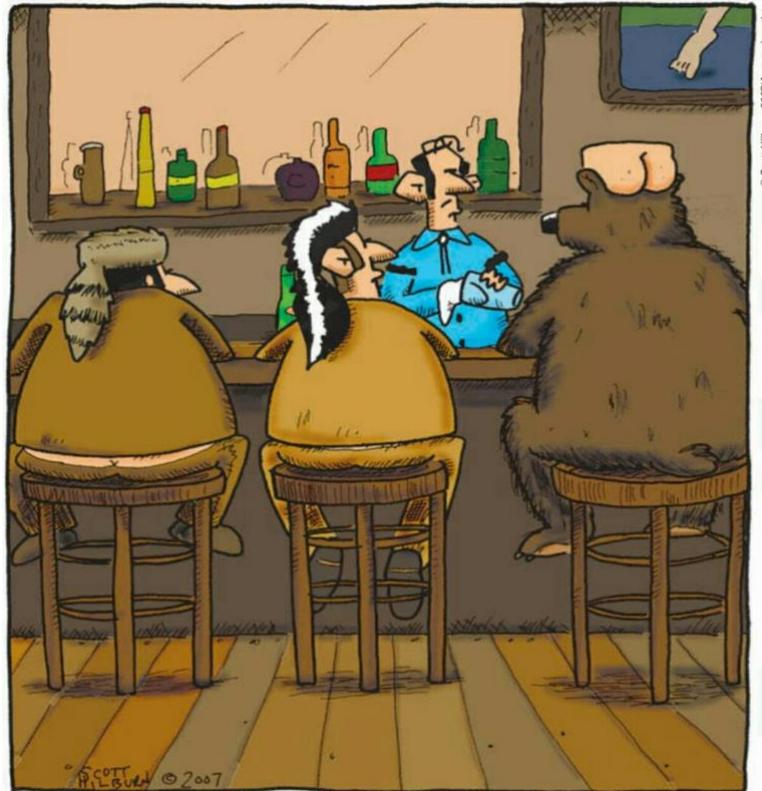
E quando eu tiver saído
 Para fora do teu círculo
 Tempo tempo tempo tempo
 Não serei nem terás sido
 Tempo tempo tempo tempo...
 Ainda assim acredito
 Ser possível reunirmo-nos
 Tempo tempo tempo tempo
 Num outro nível de vínculo
 Tempo tempo tempo tempo...
 [...]

CAETANO VELOSO, Cinema
 Transcendental, 1979. Verve.

As duas canções falam do tempo, mas de diferentes pontos de vista. Compare esses pontos de vista com base no que vimos neste capítulo.

Resposta: A letra da canção da Legião Urbana enfatiza a ideia de um tempo linear, que pode ser perdido, deixado para trás. Não se tem mais o tempo que passou. Porém, em outro momento afirma que “temos nosso próprio tempo”, indicando que talvez essa noção de tempo seja diferente da dos demais, aqui falando especialmente do tempo segundo a percepção da juventude (afinal, “somos tão jovens”). Já para Caetano Veloso, na Oração ao tempo, ele “parece contínuo”. É possível, entretanto, sair “do teu “círculo”. Ou seja, escapar do tempo, que parece contínuo e se reencontrar com ele “num outro nível de vínculo”. As duas canções revelam uma percepção de tempo linear, própria da sociedade capitalista, mas também levantam uma suspeita sobre essa linearidade: Caetano Veloso vê o tempo como um círculo; a Legião Urbana, como um tempo próprio e diferente para a juventude. Podemos relacionar essas reflexões com a discussão de Sahlins sobre a variação da percepção da história conforme as culturas. Sahlins imagina diferentes percepções do tempo e essas canções parecem convergir para a mesma conclusão.

7 Observe este cartum, de 2007, criado pelo norte-americano Scott Hilburn:



Essa imagem pode ser relacionada às discussões contemporâneas de uma Antropologia “pós-social”, “reversa” ou “simétrica”. Explique essa relação.

Resposta: Nesse cartum de Scott Hilburn vemos uma alternância radical de pontos de vista: o urso se senta diante do balcão como um humano e, como um humano, usa um chapéu com um traseiro animal. Só que o traseiro animal usado pelo urso é um traseiro humano! Ou seja, temos aqui uma inversão radical de perspectivas. A imagem sugere uma ruptura com nossas divisões entre natureza e cultura ao produzir essa estranha associação. Podemos relacioná-la, assim, às críticas aos “grandes divisores”, produzidas pela Antropologia contemporânea. Nesse caso, a imagem é especialmente relacionável às etnografias sobre os ameríndios amazônicos, analisados por Eduardo Viveiros de Castro, pois representa uma inversão de perspectivas: o urso aparece como humano e o chapéu do urso é como o chapéu de traseiros de raposa dos humanos, mas é feito de um traseiro humano.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFPE
PROF. Lic. E Tecg°. EMANUEL ISAQUE CORDEIRO DA SILVA
COMPONENTE CURRICULAR: SOCIOLOGIA GERAL II

8 Considere este poema do paranaense Paulo Leminski (1944-1989):

Volta em aberto

*Ambíguas volta
em torno da ambígua ida
quantas ambiguidades
se pode cometer na vida?
Quem parte leva um jeito
de quem traz a alma torta.
Quem bate mais na porta?
Quem parte ou quem torna?*

LEMINSKI, Paulo. *Distraídos venceremos*. 9. reimpr.
São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 42.

Relacione esse poema com os textos sobre a Antropologia contemporânea discutidos nos itens 4 e 5 deste capítulo.

Resposta: *Podemos pensar o encontro etnográfico (a experiência do trabalho de campo) como uma experiência semelhante ao poema de Paulo Leminski. O poeta evoca a ambiguidade da viagem e a transformação que ela causa tanto na ida como na volta. A essa ambiguidade podemos relacionar a ideia de “invenção” de Roy Wagner, segundo a qual o encontro etnográfico produz outra realidade, que altera a perspectiva do antropólogo (ou deveria alterar).*